

HAUSKELLER, Michael. **Mythologies of Transhumanism**. London: Palgrave Macmillan, 2016. 225p.

Jelson Oliveira
PUC-PR

Apresentando-se como eticista, o filósofo Michael Hauskeller, professor do departamento de Filosofia, Sociologia e Antropologia da Universidade de Exeter, no Reino Unido, tem se dedicado àquilo que poderíamos chamar de “filosofia do melhoramento humano”, ou seja, à análise das consequências éticas do *Enhancement Project*. Depois de publicar dois livros sobre o assunto (*Better Humans? Understanding the Enhancement Project*, de 2013 e *Sex and the Posthuman Condition*, de 2014), Hauskeller acaba de lançar, pela prestigiada casa britânica Palgrave Macmillan, o livro *Mythologies of Transhumanism*, no qual analisa os mitos fundantes do movimento transumanista, que pode ser considerado ao mesmo tempo uma filosofia e uma ideologia, na medida em que milita a favor do controle sobre a nossa natureza a partir das utopias do progresso tecnológico ou, como ele bem define, por meio de um *Weltanschauung*, ou seja, uma visão particular do mundo orientada pela ideia de perfeição, segundo a qual “somos destinados, não como indivíduos, mas como espécie, a nos tornarmos melhores do que somos atualmente” (p. 55). Ou seja, embora não tenhamos claro o que exatamente significa ser alguém melhor, resta quase óbvio que isso exige que sejamos algo que *não somos ainda*. O transumanismo promove a ideia de que *devemos* usar a tecnologia para modificar e melhorar a nossa natureza por meio de ideias como *self-design*, eliminação de várias formas de sofrimento, controle do comportamento, expansão da autonomia, conquista da imortalidade e, afinal, adquirir pleno controle sobre a natureza humana, a fim de transcendê-la (o que significa, quase sempre, derrotá-la). Do ponto de vista filosófico, tal visão de mundo parte da ideia de que o que nós *realmente somos* é algo que nós *ainda não somos* mas *podemos nos tornar*. Nesse sentido, o mito fundante do

transumanismo, tal como analisado por Michael, é a ideia de perfeição, afinal, “o verdadeiro humano ainda está ainda para ser criado” (p. 56) e as mudanças seriam determinadas não a partir das *habilidades* já presentes nos seres humanos, mas, antes, a partir daqueles que lhes faltam e que podem/devem ser-lhes acrescentadas. O transumanismo não passaria, nesse caso, de uma luta contra a natureza, considerada como uma inclinação ao mal, na medida em que está carregada de defeitos e, conseqüentemente, como uma doença contra a qual precisamos nos prevenir. Prevenção, agora, conforme demonstra Hauskeller, significa reforma, conserto, cura. Nesse sentido, não se trataria apenas de construir uma outra natureza, mas negar a ideia mesma de uma natureza, considerada como apenas um conjunto de limites que precisam ser vencidos: “a natureza dos seres humanos melhorados é, de fato, uma não-natureza” ou, em alguns casos, uma anti-natureza.

Hauskeller parte do ponto de vista de que a Ética não é um simples pedido de moratória ou ameaça aos trabalhos da tecnologia, mas uma tentativa de “deixar claro que nós sabemos *o que* estamos fazendo e *porque* o fazemos, ou de que o caminho que estamos seguindo é realmente o caminho que nós *queremos* seguir, e que o lugar onde esse caminho nos leva é realmente o lugar onde nós queremos estar” (p. x). O livro, assim, esclarece o papel dos bioeticistas, muitas vezes considerados indesejados diante do progresso científico e tecnológico: perguntar sobre o objetivo que guia o afã do progresso, ele mesmo considerado por muitos não apenas eticamente desejável, mas, sobretudo, eticamente obrigatório. Nesse sentido, *Mythologies of Transhumanism* tenta apontar as falhas da argumentação transumanista no que se refere a perguntas como “o que significa ser humano” e “em que consiste uma vida humana boa” – questões que, afinal, são as mais antigas da filosofia e que agora precisam de novo ser respondidas em vista de sabermos *o que* deve ser melhorado e de acordo com que *imagem*.

Escrito em uma linguagem filosoficamente densa, clara e temperada por referências literárias, jornalísticas e cinematográficas, *Mythologies of Transhumanism* recolhe uma série de textos escritos ao longo dos últimos anos, organizados em nove capítulos, além da introdução e de um epílogo. Tais textos partem de uma análise da passagem do *Logos* para o *Mito* como parte central do argumento transumanista: as

narrativas mitológicas, na medida em que carregam um profundo significado cultural e espiritual, providenciam explicações e justificativas para práticas e processos ainda não estabelecidos, como aqueles defendidos pelos transumanistas. Isso significa que os mitos, fantasias, imagens, ideologias e credences, muitas vezes projetadas pelos *mass media*, acabam por justificar tais práticas, em detrimento de argumentos racionais mais elaborados. A “mitologia do transumanismo” pretende, assim, analisar tais narrativas e símbolos, a fim de desvelar as estruturas de sentido que lhe são subjacentes. O primeiro desses mitos, por isso, é o mito do inevitável progresso e a crença na onipotência e onipresença da ciência e da tecnologia como parte indissociável das melhorias irrecusáveis que a humanidade pode e deve levar adiante no futuro próximo a partir de uma imagem deturpada do presente como deficiente.

Hauskeller explora esses *mitos*, focando nas histórias transmitidas *verbalmente* e nas *imagens* projetadas pelos arautos dessas ideias, para mostrar como suas estruturas acabam por impedir uma visão adequada de suas consequências, o que inclui, obviamente, os seus riscos. Se o transumanismo é, como definiu um de seus mais primeiros defensores, o teorista evolucionário Julian Huxley, em 1957, uma crença de que a espécie humana pode e deve transcender a si mesma “por meio da realização de novas possibilidades” (p. 11), então ele dá seguimento aos projetos iluministas e humanistas que queriam transformar o “mundo em um lugar melhor”, como prega incansável o filósofo Nick Bostrom, Diretor do *Future of Humanities Institute*, da Universidade de Oxford. Hauskeller define esses mitos como “sonhos ansiosos por um mundo melhor”, no primeiro capítulo de seu livro, amparado em uma análise detalhada de documentos e declarações transumanistas (que, afinal, ele conhece como ninguém), entre as quais a *Letter from Utopia*, o *Transhumanist Manifest* e o *Metahumanist Manifesto*, que recuperam, amparados na promessa tecnológica, o mito da *Idade de ouro*, que ocupou muitas páginas de nossa tradução filosófica e literária ao longo dos tempos. Nesses e em outros textos, Hauskeller identifica os modos segundo os quais “o desenvolvimento científico e tecnológico são ultimamente orientados por propósitos não-científicos” (p. 28), na medida em que muitos de seus sentidos e objetivos permanecem ocultos pelas promessas e imperativos do progresso utópico, negligenciando muitos de seus riscos.

A importância da reflexão proposta por Hauskeller não está apenas na análise das questões próprias ao transumanismo, mas também no fato de que tal movimento recoloca em novos patamares as perguntas centrais da tradição filosófica, entre as quais aquela que Kant enunciou como a mais prioritária de todas: o que é o ser humano – uma pergunta que é retomada nos termos de uma pergunta sobre *o que significa ser* um ser humano ou ainda, se os seres radicalmente melhorados que estamos projetando para o futuro *continuarão sendo* seres humanos e, em caso positivo, se diante deles seríamos nós meros subumanos ou pré-humanos e quem, entre nós e eles, mereceria o estatuto de *ser moral* (pleno de dignidade). Trata-se, portanto, de avaliar a condição mais própria (a essência) daquilo que nos caracteriza como humanos (um tema que Hauskeller analisa no capítulo terceiro de seu livro, intitulado ironicamente de *Birds don't fly*) e de verificar como a projeção de um ser humano pretensamente melhor no futuro aparece como uma espécie de mito, próprio das utopias tecnológicas que partem de uma negação da condição ontológica atual, em benefício de uma reconfiguração da vida futura. Hans Jonas, como se sabe, na sua crítica a Ernest Bloch, chamou isso de “ontologia do não ser ainda”.

Como Hauskeller discute no quarto capítulo de seu livro, dado que a ideia de natureza está ligada à ideia de corpo, é ele que passa a representar o maior limite à ascensão da humanidade a um mais alto patamar de progresso. Reduzir ou eliminar a corporalidade e todos os efeitos a ela associados aparece como o principal desafio do transumanismo e isso explica porque muitos dos seus mitos são pensados a partir da conexão entre corpo e máquina, seja na perspectiva das próteses artificiais, seja, no limite, pela constituição de uma passagem que permita realizar o *uploading* do indivíduo em um computador, passando do humano para o pós-humano, um ser de existência digital. Nosso destino, enquanto humanos, estaria na máquina, portanto. Como outrora, nosso corpo passa a ser orientado pelo destino de nossas máquinas e, mais ainda, segundo o seu modelo, pois transformamos facilmente a nossa fascinação pelas máquinas em um desejo de *ser máquina*. Ora, diante da máquina, o corpo não representa apenas coisas que nós podemos fazer, mas coisas que nós *ainda não podemos*. E essa abertura de possibilidades orienta os altíssimos investimentos de tempo e de dinheiro que são realizados ao redor do mundo em torno da questão do

corpo, esse objeto mau desenhado, tão frágil e precário, que carece de ser consertado (ou editado). Conforme a sugestão de Allen Buchanan, resgatada por Hauskeller, a principal falha do corpo é que ele não é capaz de permanecer vivo por muito tempo. O problema é que, diferente das máquinas, o corpo não é feito para algum propósito particular facilmente detectável, ou seja, faltas, deficiências e incompletudes são parte inerente de seu modo de existência particular.

“Roubando o fogo dos deuses” é o título provocativo do quinto capítulo do livro, que discute o projeto de melhoramento da natureza humana e a concepção segundo a qual o ser humano seria um “animal indeterminado”, conforme a posição de Nietzsche, que ampara muitas das teses dos transumanistas. Demonstrando como essa apropriação do pensamento nietzschiano é equivocada ou, no mínimo, indevida, Hauskeller mostra como transhumanistas como Nick Bostrom, Max More ou Julian Savulescu continuam, entre outras coisas, [1] atrelados aos valores do presente e [2] filiados à tradição logocentrista do Ocidente – duas posições amplamente criticadas por Nietzsche. Assim, o além-do-homem (*overhuman*) não tem nenhum significado moralizante capaz de inspirar uma alteração tão radical da condição humana, ainda mais segundo um único modelo projetado pela tecnologia. Nesse caminho, o próprio *Übermensch* não passaria de mais um mito assumido pelo transumanismo em vista de legitimar (e disseminar) suas ideias.

A questão do melhoramento dos animais não humanos é o tema do sexto capítulo da obra. Nele, Hauskeller revisa criticamente a posição dos transumanistas, segundo a qual a animalidade do homem deve ser corrigida e, conseqüentemente, a animalidade dos animais não humanos: se temos as ferramentas para criar um pós-cachorro ou um pós-macaco, então temos obrigação ética de fazê-lo, a fim de retirar esses seres do fechamento onto-biológico ao qual a natureza os aprisionou. Animais seriam inocentes, imaturos e dependentes tais como as crianças, mas diferente destas, tal condição seria permanente. Como Hauskeller nota muito bem, corrigir a animalidade do animal não-humano é o equivalente a eliminar o animal em si mesmo: só um ex-animal pode ser um bom animal, segundo as perspectivas humanas que lhe são aplicadas, o que o transformaria em um mero artefato. Considerando o animal como um ser deficiente que precisa ser corrigido, o transumanismo retoma a

perspectiva cartesiana em um novo patamar: “nós sabemos que eles não são máquinas [como propôs Descartes]”, mas “isso não significa que nós não podemos transformá-los em máquinas” (p. 109).

O sétimo capítulo de *Mythologies of transhumanism* é dedicado à análise da teoria que afirma que a humanidade é uma doença em si mesma ou, em outras palavras, que o ser humano é um ser doente precisamente porque é humano – e isso deve ser corrigido pela biotecnologia. De acordo com a posição dos transumanistas, seria preciso implementar uma terapia de melhoramento, tida como uma espécie de obrigação moral, capaz de cura o ser humano de si mesmo. Trata-se de terapias capazes de melhorar a motivação, o controle dos sentimentos, a cognição, os relacionamentos, as capacidades espirituais, aumentar a memória, melhorar as performances do corpo em geral e até mesmo prolongar a vida indefinidamente. Michael analisa como esses procedimentos já não permitem mais uma distinção clara entre reparar uma disfunção e melhorar uma função. O livro, por isso, realiza uma análise dessas propostas a partir daquilo que os transumanistas têm como *diagnóstico* e daquilo que eles propõem como *cura*: quanto ao melhoramento emocional, o diagnóstico afirma que nós todos somos escravos de nossas emoções, enquanto a cura promete um controle maior sobre elas; quanto ao melhoramento cognitivo, o diagnóstico afirma que somos todos estúpidos, sofrendo de várias maneiras, devido a nossas deficiências cognitivas, enquanto a cura significaria o aumento do poder do nosso cérebro; quanto ao melhoramento moral, o diagnóstico disse que nós todos somos maus (ou pelo menos não bons suficiente) enquanto a cura residiria no aumento da nossa capacidade e disposição para a empatia, o amor e a justiça; quanto à extensão da vida, o diagnóstico diz que o envelhecimento é um defeito e que a morte um grande mal, cuja cura residiria numa extensão radical de uma vida com saúde por meio da engenharia genética, da nanotecnologia e de outras biotecnologias. Dessa forma, as terapias de melhoramento não devem ser usadas apenas quando estamos doentes, mas também quando estamos saudáveis, porque, afinal, como humanos, estamos *sempre* doentes.

Oitavo capítulo de seu livro, intitulado *A injustiça da natureza*, Michael Hauskeller analisa a consequência segunda qual a loteria genética da natureza seria

inadequada e injusta, na medida em que gera desigualdade entre os seres. Os transumanistas acreditam que é preciso, melhorar a natureza, por meio da tecnologia, afim de remover os impactos nos efeitos em termos de performances diferentes entre os seres humanos por meio de distribuição mais equilibrada das habilidades. Tratar seria, portanto, de corrigir a natureza em vista de dar a todos as mesmas oportunidades, recursos e bens. Se isso parece justo num primeiro momento, Hauskeller problematiza essa evidência a partir da análise da situação de uma pessoa com determinada constituição natural considerada pior do que as outras não somente porque ela é como é, mas porque seu *ser pior* seria injusto do ponto de vista natural. Trata-se do argumento da injustiça formal da natureza, ou seja, sobre o que se entende por justiça nesse contexto.

Pelo trocadilho do livro, intitulado *Deuses em vez de cyborgs*, o autor analisa a perspectiva religiosa do transumanismo, apresentando uma análise bastante instigante sobre os elementos que contornam os mitos transumanistas. A ideia de que o transumanismo pode levar à humanidade é alimentada pelos sonhos e promessas que aproximam o homem dos deuses que, até agora, representaram a possibilidade de uma vida perfeita e eterna mas, ao mesmo tempo, uma vida proibida para os seres humanos. É justamente esse segundo elemento que a tecnologia promete consertar. Embora representem a religião como uma força hostil, da qual é preciso se desvencilhar, o transumanista é, segundo Hauskeller, herdeiro de muitas de suas promessas, tornando-se até mesmo, uma espécie de fé secularizada. O livro analisa, assim, muitas das ideias e expressões dessa tendência e das muitas fantasias que, pretensamente pautadas na razão e na ciência, acabam por beber na própria fonte que tentam recusar. Entre essas fantasias estaria o chamado “imperativo proacionário” (*proactionary imperative*) que, em contraposição ao princípio de precaução, encoraja a ciência a correr os riscos necessários caso os potenciais benefícios sejam suficientes para isso. Estaríamos, afinal, destinados a superar os nossos limites.

O último capítulo do livro de Michael intitula-se *Amores automáticos* (*Automatic Sweethearts*) no qual ele analisa as possibilidades e perspectivas do transumanismo em relação ao amor, geralmente apresentado como um defeito humano, na medida em que gera instabilidade emocional e, por isso, deveria ser

controlado também tecnologicamente. Dando continuidade nesse capítulo ao seu livro de 2014, *Sex and post-human condition*, Michael analisa a proposta que pretende substituir cada vez mais os parceiros afetivos reais por amantes artificiais, a fim de evitar os problemas de relacionamento que nos afetam. Partindo da crença comum entre alguns transumanistas de que, em breve, seremos capazes de construir robôs tão perfeitos que se pareçam com seres humanos, embora sejam melhores do que estes. Não se trata, afirma o autor, de perguntar-se sobre a legitimidade de fazer sexo com máquinas, mas do quão satisfatório isso será do ponto de vista dos desejos que nos formam como humanos, principalmente na medida em que robôs talvez nunca sejam capazes de nos amar como desejamos. Ao invés disso, talvez estejamos caminhando para uma sociedade em que o sexo (que envolve um parceiro) será cada vez mais substituído por masturbação (na medida em que um robô é uma máquina onanística).

O livro, como se vê, é uma espécie de provocação e de convite para uma análise sóbria dos mitos transumanistas, difundidos em nossos dias como verdades inquestionáveis. Com sua pesquisa, Michael Hauskeller faz com que a filosofia se aproxime daquela fronteira perigosa onde ela, mais uma vez, precisa estar.

Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR;
Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos,
com pós-doutorado pela Universidade de Exeter, no Reino Unido.
E-mail: jelson.oliveira@pucpr.br